



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ALEXANDRE MAMADÚ BAILO BALDÉ

A HISTORIOGRAFIA DA GUERRA DO KAABÚ

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

ALEXANDRE MAMADÚ BAILO BALDÉ

A HISTORIOGRAFIA DA GUERRA DO KAABÚ

Projeto de Pesquisa (TCC) apresentado ao Curso de Bacharel em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Antônio Estevam Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

ALEXANDRE MAMADÚ BAILO BALDÉ

A HISTORIOGRAFIA DA GUERRA DO KAABÚ

Projeto de Pesquisa (TCC) apresentado ao Curso de Bacharel em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão de curso.

Data de aprovação: 01/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Victor Souza Martins

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMATIZAÇÃO DE PESQUISA	7
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	JUSTIFICATIVA	9
5	SURGIMENTO E APOGEU DO REINO DE KAABU	10
6	CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO REINO DE KAABU APÓS SUA INDEPENDÊNCIA	12
7	DECLÍNIO DO IMPÉRIO DE KAABU	16
8	PERCURSO METODOLÓGICO	18
9	CRONOGRAMA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar as diferentes percepções do conflito no reino de Kaabu. Com especial atenção para Lopes (1989), Mané (1989), entre outros autores, sem perder de vista as diferentes perspectivas de abordagem histórica desses autores ao conflito que envolve dois grupos étnicos, Mandingas e Fulas. O conflito do reino de Kaabu é um evento histórico que aconteceu no reino do Kaabu, atualmente conhecido como Gabu, ou seja, Região de Gabu, situada na zona Leste da Guiné-Bissau. Kaabu era conhecido pela grande guerra do Kansala, foi um dos reinos mais povoado pelos diversos grupos étnicos, respeitado pelos seus grandes Reis e Guerreiros. A criação do reino Kaabu está ligada à expansão do Império do Mali de Sundjata Keita, com um dos seus guerreiros generais Tiramakham Traore, que conquistou este território em nome do Imperador do Mali, e anexando como uma das províncias do Mali administrativamente, e Tiramakham ter sido o fundador da província Kaabunké, nas planícies da Costa da Guiné. Lopes (1989).

Kaabú é um espaço histórico, conhecido pela expansão comercial que permitiu a integração econômica, estrutura política tradicional e conflitos étnicos, estado kaabunké caracteriza-se por um modo de produção tributário e um grau de acumulação muito reduzido.

Todas as fontes são unânimes em concordar sobre a grande importância econômica que o poder malinke tinha na região compreendida entre os rios Gâmbia e Corubal, do século XV ao século XVIII. Este poder é atribuído tanto ao Kantor, como ao Kaabú e Brassou. Através da recolha de informações junto das fontes disponíveis é possível afirmar que o Kaabú dominou também o Kantor e o Brassou a um dado momento das suas existências. (Lopes, 1989). Assim, a nação de Estado político kaabunké se fortaleceu através de interações atípicas que exercem uma certa atração sobre as estruturas do poder das etnias ou outros englobados. No Kaabú, o poder foi criado no sistema estrutural política tradicional com a presença de vários grupos étnicos, elucidada. Lopes (1989).

No entanto, este trabalho foca-se a compreender e chamar a atenção para os três grandes momentos e influências que marcaram a vida e a evolução do Kaabú, assim como demonstrar a perspectiva do historiador Carlos Lopes. O trabalho está dividido de seguinte forma, na primeira seção, mostraremos o surgimento e apogeu do reino de Kaabu, na segunda seção apresentamos a constituição política do reino de Kaabu após sua independência e por último apresentamos as causas e fatores do Declínio do império de Kaabu.

Assim sendo, antes de nos aprofundarmos no nosso objeto de pesquisa, gostaríamos de contextualizar primeiramente a Guiné-Bissau, na qual direcionamos o nosso trabalho, que faz

parte desse grande marco histórico do Kaabú. Porém, após a divisão territorial da África feita pelos europeus, este reino do Kaabú que foi composto pelo oeste do rio Senegâmbia e rotas comerciais de vários países, se encontra hoje no território da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental da África, limitado entre duas repúblicas: ao norte pelo Senegal e ao sul pela Guiné-Conakry, com superfície total de 36. 125 km.

No entanto, a Guiné-Bissau é um país composto por oito regiões: Bafatá, Gabu, Bolama, Quinara, Tombali, Cacheu e Biombo e um setor autônomo, Bissau.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:GuineaBissau,_administrative_divisions_-_de_-_colored.svg

Segundo os dados estatísticos de 2009, a população guineense corresponde a um total de 1.548.159 mil habitantes. Tem uma densidade de 33,22 habitantes por km², pois a grande maioria da população reside em zonas rurais. O país contém cerca de quarenta (40) ilhas que constituem o arquipélago dos Bijagós, separado do continente pelos canais de Geba, Bolama e Canhabaque. O clima é quente e úmido, caracterizado como sub guineano. Trata-se de um clima favorável para a prática de agricultura e a pesca que se constituem nas principais fontes de subsistência para a população (Monteiro, 2011, p. 2). A Guiné-Bissau apresenta uma notável diversidade cultural e étnica, com cerca de trinta etnias, cada uma com sua língua e matrizes culturais próprias: Balantas (27%), fulas (22%), Mandingas (12%), Manjacos (11%) e os papeis (10%), e outros 18% (Monteiro, 2011, apud cf. LOPES, 1982).

Quanto aos estudos historiográficos, apresentaremos a seguir um dos principais pesquisadores da Guerra do Kaabu, o Carlos Lopes. O Lopes é sociólogo formado em Genebra e PhD em História pela Universidade de Paris 1, Panthéon-Sorbonne. Escreveu e organizou mais de vinte livros e lecionou em diversas universidades do mundo, como em São Paulo, Coimbra, Zurique e Cidade do México, África do Sul, Gana etc. Desempenhou vários cargos de elevada responsabilidade nas Nações Unidas, incluindo a liderança da Comissão Económica para África (2012, 2016). É ainda membro da atual Equipe para a Reforma da União Africana, e pela segunda vez representante da UA para as Parcerias com a Europa. Em 1989 os pesquisadores guineenses, Carlos Lopes o artigo (Resistência Africanas ao controle do território) e Mamadú Mané o artigo (O Kaabú), publicarem na Revista Soronda nº 7, um veículo da INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau), onde compartilha com outros autores estudos sobre o continente africano. A Revista estimula a investigação científica em todos os domínios e reforça a consciência nacional, assim como, promover o desenvolvimento económico do continente.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

No entendimento de Lopes (2005), a mira do comércio do Mali, que sempre utilizou o Kaabú como ponto estratégico do comércio e fonte de crescimento económica, e a insegurança causada pelos caçadores de escravos, os europeus, que desestabilizou a força política económica do malikes¹ no Kaabú que recomendavam a disseminação do poder militar, que na tradição malinké era bem mais centralizada a força no sistema de defesa territorial.

O Kaabu era um Estado instalado na base desta estrutura e as suas diferentes províncias dispunham de um elevado nível de independência – elas não passavam de fato de grandes aldeias ou cidades agrárias – e dependiam em espiral do Kaabu-Mansa-Ba, que era quem podia oferecer mais proteção, na medida em que controlava o mercado de escravos e as alianças com os mercadores “dyula” (Lopes, 2005, p. 18).

Sustenta Mané (1989), com declínio do reino Kaabú não conduziu ao enfraquecimento da cultura mandinga, ou seja, mandinga são grupos étnico bem antiga, que expandiu a sua civilização espalhando pela região senegâmbia, mesmo com queda do Kansala, e mesmo com expansão islâmica do Futa-Jolo. Civilização mandinga sobreviveu ao Estado Kaabunké², porém

¹ Malikes significa na língua mandinga, povos do Mali.

² Kaabunké significa na língua mandinga, povo Mandinga.

kaabú sempre foi um espaço que mandingas dominava a séculos, e está sobrevivência mandinga foi em grande parte devido, de um lado, ao impacto da política de mandinguização e de outra, a forte unidade cultural mandinga que pode ser preservada, ao longo dos séculos. Visto que, essa dominação política e cultura na região senegâmbia ajudou os kaabunké na preservação da civilização mandinga no Kaabú.

Em contrapartida o reino de kaabú tinha época que queria expandir o seu domínio territorial em qualquer custo, os kaabunkés começaram atacar reinos e arredores, em princípios alguns reinos dos Fulas, porque foi um ataque a região senegâmbia, que na época foi composto pelo Senegal, Guiné-Bissau, Gâmbia e Guiné-Conacri.

Visto que o Kaabú como reino animista, começa a ser ameaças por vários reinos, inclusive reinos Fulas e Saraculés que eram muçulmanos na época.

Na base dessas afirmações colocadas e supracitadas, questiona-se o seguinte: porque esses pesquisadores apresentam diferentes perspectivas de abordagem; o que incentivou o ataque dos Fulas ao reino do Kaabu, ou seja, pela questão econômico, política, religiosa ou pelo domínio territorial? Como era o Reino de Kaabú antes da invasão do Futa-Jolo ao território? Como era o *Modus operandi* do Reino de Kaabú na expansão territorial e escolha dos reis?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Refletir sobre as diferentes abordagens a respeito do reino de Kaabú a partir das pesquisas do Carlos Lopes e Mamadú Mané.

3.2 ESPECÍFICOS

- ❖ Compreender quais são as características históricas do conflito entre os povos Mandingas e Fulas no reino de Kaabu;
- ❖ Analisar as participações dos grupos étnicos na constituição do sistema político do reino do Kaabú, e o *modus operandi* do reino de Kaabu no que se refere à extensão territorial.
- ❖ Compreender a criação da supremacia Mandinga e controle sobre o poder no reino Kaabú.

4 JUSTIFICATIVA

Em relação a escolha do tema, o que me motivou a propor esta temática para projeto de pesquisa acadêmico, foi um histórias que escutava de forma tão equivocadas e deturpadas, oriundas de grupos étnicos, que fizeram parte desse conflito Mandingas e Fulas. E trazendo esse tema de versões escrita e científica, pode ajudar também muitas pessoas saber sobre esse conflito de forma séria, ou seja, compreender de melhor maneira. A guerra de Kaabú sempre foi explicada de forma oral, em que muitas das vezes, os narradores apresentam versões diferentes. Assim sendo, como tradicionalmente e nos laços sanguíneos, eu faço parte dos dois grupos étnicos autores deste conflito, porém, sempre ouvi versões diferentes que demonstram as contradições muitas vezes presentes nas várias narrativas. Quando é explicado pelo Fulas temos uma versão, de igual forma, quando é explicado pelos Mandinga, ouve-se do outro jeito. Entretanto, trazemos esse conflito do Kaabú para poder contribuir com um trabalho que visa melhorar e compreender esta luta, que permita contribuir no campo acadêmico para que futuros pesquisadores possam se debruçar sobre este tema.

Este trabalho propõe contribuir tanto para academia como para a sociedade guineense, apresentando os impactos sociais que uma guerra étnica racial pode causar na sociedade e trazendo lembranças ruins, ao resgatar memórias do passado, de tal forma que, impactou a relação entre os dois grupos étnicos, mandingas e Fulas, e que até hoje reflete no campo religioso. Onde há guerra, com certeza, haverá lembranças ruins e traumas consequentes dos conflitos, das mortes, das aldeias incendiadas e das fugas dos refugiados para os reinos vizinhos.

Conforme Roberto Marinucci (2023, p. 10), “os refugiados [...] trazem os distantes ruídos da guerra e o mau cheiro de lares pilhados e aldeias incendiadas que não podem deixar de nos fazer lembrar como não é fácil invadir ou esmagar o casulo de sua rotina segura e familiar [...].”

Um passado histórico que até hoje não é totalmente superada pelos dois grupos étnicos. Hoje, o local da guerra, a maior parte se encontra na Guiné-Bissau, principalmente cidade chamado Kansala, que hoje configura-se como um templo histórico, permitindo visitas acadêmicas e turísticas. Para alguns, pode parecer aventuroso, arriscado e problemático a sua explicação histórica.

No que se refere a sua contribuição no campo político, este documento visa auxiliar sobre o Kaabú em primeiro lugar uma descoberta do passado, que pode servir ao presente. Considerando que a Guiné-Bissau é um país multiétnico e multicultural, este documento pode esclarecer e enfatizar aos autores políticos, que eventualmente usam os discursos de cunho

tribal para angariar votos, discursos no qual são extremamente perigosos no seio dos guineenses, que nos últimos tempos, tem sido uma prática constante no cenário política do país. Porém um país que é conhecido por seus vários grupos étnicos, ou seja, pela sua diversidade cultural e multilinguística, que une a sua força, por outro lado, com um passado de guerras étnicas. Entretanto, este documento pode servir como um instrumento esclarecedor de o quanto é ruim fomentar discursos tribais pelo jogo político, ou seja, interesses pessoais, num um país onde todas os grupos étnicos viviam na solidariedade, harmonia e respeito.

5 SURGIMENTO E APOGEU DO REINO DE KAABÚ

Kaabú, atualmente conhecido como Gabu, ou seja, atual região da Guiné-Bissau, situa-se na zona leste do país. Kaabu era um território muito conhecido devido sua política de expansão territorial, ou seja, pela sua invasão aos territórios vizinhos e, marcada com grande guerra étnica desencadeada entre mandingas e fulas. Em relação à presença de mandingas no reino de Kaabú, não existe unanimidade entre os pesquisadores com relação ao início de sua presença nesse território. Segundo Abrantes (2018), o reino era conhecido pela presença dos Mandingas desde o século XIII ao XIX, até serem derrotados pelos Fulas. Já para Mané (1989, p. 21), nessa perspectiva histórica da presença das mandingas no reino do kaabú, “a presença de mandingas começou desde Sec. XII, só que nessa época, os imigrantes mandingas eram ainda minoritários no seio das populações Baynuk e Pedjadinka, considerados como os autóctones da região”. De acordo com Mané (1989), os mandingas são provenientes de Mandé (atual Mali e uma parte da Guiné-Conacri) através das rotas comerciais que facilitam a circulação das pessoas.

Segundo Lopes (1989), a criação do Kaabú está ligada à expansão do Império do Mali na era de Sundjata Keita e um dos seus renomados generais, Tiramakan Traoré. Por volta do ano 1200 Traoré, um dos generais de Sundjata Keita, conquistou a área do kaabú, fundando muitas novas cidades e tornando kaabú uma das províncias ocidentais do império do Mali, na década de 1230. Na conquista do kaabú houve unanimidade entre autores (Carlos Lopes) e (Mamadú Mané). Tiramakan Traoré tem sido o conquistador do Estado Kaabunké, nas planícies entre a Costa da Guiné. Na perspectiva do Lopes (2005) a criação do kaabú parece estar associada à necessidade de alargamento do espaço de trocas do Mali, facilitava nas rotas comerciais para Mali e restos das províncias, as conquistas do oeste era importante pelo Imperador do Mali por causa das riquezas em ouro Bambuk e venda dos escravos.

De acordo Lopes (1999), o espaço geográfico onde se desenvolveu o kaabú é um conjunto ecológico homogêneo, ou melhor, integrado de vários países hoje, a sua conjunção se baseia na rotação marítima que fez ligação entre essas regiões que compõem. O mesmo autor, ainda se caracteriza pela existência de grandes rios (Gâmbia, Casamance, Cacheu, Geba, Corubal, Nunez e Pongo) e dos seus afluentes que descem em cascatas dos contrafortes do Futa-Jolo até amar.

Segundo Lopes (1989), estrutura de Estado malinké situação na Gâmbia, na Casamance e na Guiné-Bissau atuais, que sobreviveu até ao século XIX, porém era zona também mais povoado pelas mandingas, objetivo para manter preservação da supremacia mandinga e controle do poder.

Kaabú politicamente e econômica com a rota comercial impulsionou no seu desenvolvimento, as rotas marítimas que facilitam o seu crescimento e venda de escravos. Segundo Lopes (2005) a grande justificação para o desenvolvimento do kaabú foi sem dúvida o deslocamento dos circuitos comerciais trans-saariana para a costa, permitia que kaabú atraísse mais comerciantes ao seu mercado, alargando o comércio e facilita rotas marítimas para parceiros de comércio, incluindo a dinamização de um novo comércio de cabotagem essencialmente baseado em produtos locais.

O kaabú não esperou pelas descobertas europeias para se constituir, kaabú existia antes da chegada do europeu ao território, a sua estrutura política veio do Império do Mali, que conquistou território como uma das suas províncias, se tivesse influência europeia sua localização e organização política teriam sido diferente (Yves Person *apud* Lopes, 1999).

Muitos historiadores consideram, todavia, que esta região era uma espécie de beco sem saída do mundo Mandinga, pois não passava do ponto extremo ocidental do Império do Mali, porque administrativamente era controlado pelo Mali, por mais que existam rotas comerciais que atuam nessa região, se baseia na perspectiva e interesse do Mali. O kaabú teria assim, sido o intérprete desse desejo, do Império do Mali, esse bloqueio e controle do kaabú começou a desencadear a necessidade de desenvolver uma dinâmica mais independente (Lopes, 1999).

Ainda na perspectiva de Lopes (1989), há duas razões que podem explicar os laços que existiam entre o Kaabú e o Império do Mali: os motivos referem-se à atração do mar, e o comércio do ouro de Bambuk e do sal. Por outro lado, o Kaabú teria representado uma tábua de salvação para um Mali já em decadência, o que permitiria, mais tarde, a independência do reino Kaabú em relação ao Império do Mali. O Kaabú permaneceu sob jurisdição do império do Mali até o declínio do imperador do Mali, nos finais do século XVI, e seu desaparecimento total no século XIX, provavelmente por volta de 1850. Este período fez surgir o crescimento da

influência do Farim Kaabu, e que acabou influenciando a constituição dos nhanthio³, e o estabelecimento de Kansala como capital, Lopes (2005).

6 CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO REINO DE KAABU APÓS SUA INDEPENDÊNCIA

A partir do início do século XIII, a supremacia dos mandingas começou a se sobrepor em relação às outras etnias presentes na constituição do poder político do kaabú. Para Mané (1989), a organização política administrativa do Kaabú passou do modelo Confederal e albergava doze províncias que constituíam o reino, ao modelo mais centralizado e personalizado do nhanthioya. Durante a fase Confederal, cada província era largamente autónoma com seu próprio chefe, que devia obediência ao Imperador do Mali, porque eram também escolhidos pelo Imperador, todos chefes de província do kaabú devia a lealdade ao Imperador do Mali na altura. As doze províncias constitutivas do reino do kaabú, eram seguintes: Sama, Jimara, Patiana, Manna, Sankolla, Kolla, Tiagna, Kantora, Niampayo, Toumana, Propana, Badiar.

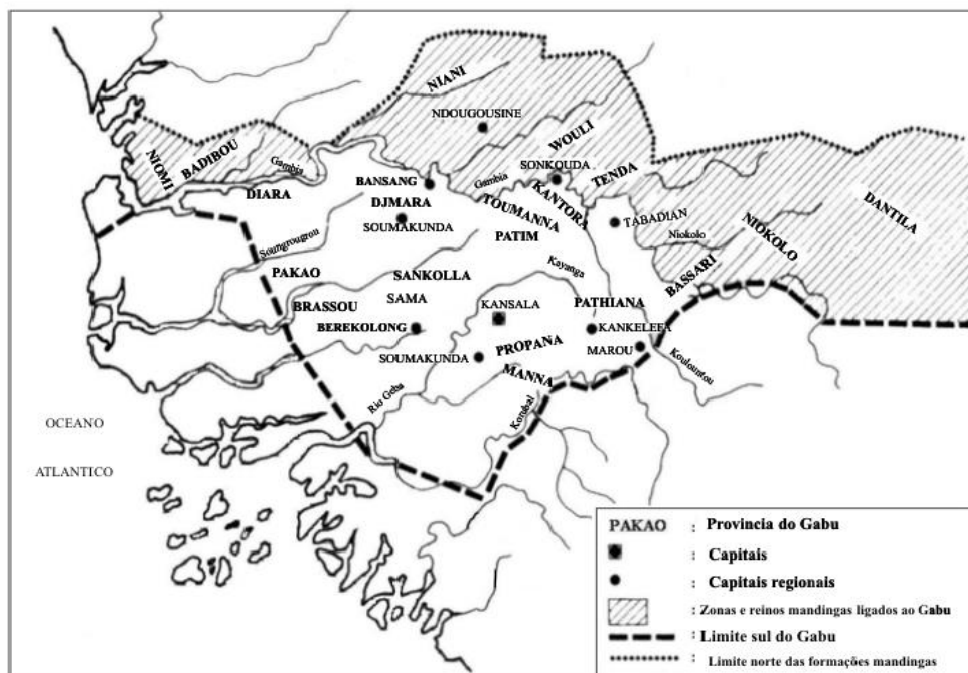


Figura 2 - O Gabu em torno de meados do século XVIII

Fonte: <https://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/01/reino-de-gabu.html>

³ Nhanthio que significa na língua mandinga, nobres mandingas pertencente aos dois clãs, os Sanés e Manés.

A história sobre o império do Mali é muito complexo e exige um vasto diagnóstico da sua diferente história, ou seja, pesquisa feita pelos pesquisadores. A na sua vertente política antigo é muito útil para compreender o reino de kaabú, já que toda a estrutura de “mansaya” (poder político) ‘bem como a hierarquização social Maliquê, foi transmitida de Mali ao kaabú, em que este último acabou sendo um Estado vassalo desde reinado de um “Farim”, o Farim kaabú, que por sua vez, acabou por se autonomizar. Lopes afirma que a gênese do kaabú está igualmente associada à epopeia de Tiramakham Traoré que é um dos generais do Sundjata Keita, que teria sido enviado pelo “mansa” (rei, governante) do Mali para conquistar as terras do Oeste, (Lopes, 2005). De acordo com Mané (1988), é difícil negar o papel militar e político de Tiramakham na formação do kaabú.

Com a chegada de Tiramakham ao kaabú, fomentou ainda mais a supremacia mandinga que estava em evidência. O Tiramakham conquistou o território e criando supremacia mandinga no reino sem disputar com outras etnias que compõem o reino antes dessa grande supremacia mandinga no reino. Segundo Mané (1989), Tiramakham Traoré, considerado um dos generais do Sundjata Keita, que foi conquistando o Oeste em nome do rei. Tiramakham matou o rei do kaabú, Djolofing Mansa e passou em kaabú, fato que permitiu os mandingas tornarem-se os mestres incontestáveis do reino em detrimento de todas as outras etnias que foram submetidas à ordem mandingas.

No entanto, vale ressaltar que os Mandingas não eram a única etnia que compõem o território, tinha outras etnias no território, mas mandinga como uma etnia que detinha uma certa hegemonia sobre as outras, mesmo sendo menos populosa, de igual forma a sua língua acabou predominando. Estes pontos anteriormente citados, os fizeram dominar as outras etnias que existem no reino. O kaabú não era ocupado só pelos mandingas, na época tinha identidades étnicas não mandingas, antes de os mandingas predominaram no império. Para Abrantes (2018, p. 73), “nesse período prevalecem tradições fundamentalmente banhuns, mas também de balantas, biafadas, brames, e se pratica um animismo sem influências islâmicas.”.

Em meados do século XIV, o Mali viu um declínio acentuado devido às invasões dos Mossis ao Sul e ao crescimento do novo império Songai. Durante o século XIV, o Mali perdeu muitas de suas províncias, inclusive o kaabú, que era um espaço estratégico no comércio dos escravos, isso reduzindo-o a não muito do que zona dos mandingas.

Com o declínio do império do Mali, kaabú tornou-se ao autônomo, começou a estabelecer um novo modelo da escolha dos seus líderes, ou seja, os líderes começaram a ser escolhidos dentro dois clãs mandingas, criando classes dos nobres no seio mandinga os “nyanthioyos” cujos patrônimos Sané e Mané, bem como a sucessão matrilinear (Lopes, 2005). No entanto,

esta perspectiva, ou seja, normas criadas pelo mandingas, foi na base de um mito inventado para estruturar o poder no reino.

A escolha do seus próprios Reis, é um fato que não acontecia antes porque era escolhido pelo Imperador do Mali Sundjata Keita, que administrava o território, porém essa declínio do Imperador do Mali Sundjata, os Mandingas do reino do kaabú começaram a estruturar o poder do reinado do kaabú, de acordo com Mané (1989, p .21), “ficou claro que, a partir do século XIII, os mandingas tornam-se os mestres do kaabú, mas não bastava possuir o poder, era necessário também organizá-lo, fazê-lo funcionar para durar”.

O kaabú foi principalmente um espaço de hegemonia, se pensar após da sua independência ao Império do Mali, os Mandingas criaram sua hegemonia no território por vários séculos, no entanto esta hegemonia se desdobrava-se em influências de natureza política, comercial, cultural, linguística e religiosa (Lopes, 2005)

De acordo com Mané (1989), para fundamentar o modelo de escolha dos reis no reino, criaram o mito Nhantchó (nobre), que se beneficiaria aos dois clãs mandingas Mané e Sané para governar sozinhos. Do mesmo modo, Mané (1989), demonstra que o poder que era exercido no Kaabú não era bem consolidado e não tinha a simpatia dos Kaabunqués. Para tal, levou a invenção de um mito chamado Nhantchó por parte dos Sané-Mané, assim, criando mais afastamento do poder aos outros clãs mandingas que podiam disputar o poder ou reivindicar ao trono. No final do século XIII e início do século XIV, houve essa mudança estrutural e política chamada de Nhantchós, que legitimou Sané e Mané como clãs da nobreza no kaabú até no final do século XIX. Antes da independência do kaabú ao Mali o poder era rotativo no kaabú pelos grupos étnicos, não havia só Mandingas do sobrenome Sané e Mané no trono.

Segundo Mané (1989), concepção mandinga, os Nhantchó eram descendentes de três mulheres sobrenaturais nascidas numa gruta no kaabú, de um pai “Dji” (gênio da natureza) e de uma mãe princesa mandinga, Ténémba, que havia fugido da maldição de seu pai, o Imperador do Mali, e do casamento arranjado pelo pai junto com a sua irmã Cutam, o rei deu ordem para procurá-los. De acordo Abrantes (2018), Tenémba na tentativa de escapar dos homens do rei, o seu pai escondeu-se na cova no Mampatim, mas foi descoberta pelo um homem fula caçador de patchana mandingas, que solicitou o rei local que viu fugitivo e foram capturadas para aldeia, onde ofereceram água e comida para elas, mas recusaram. Assim foram aprisionadas por três (3) anos, na prisão Tenémba foi descoberta que tinha três filhas na cela, saindo da cela com três crianças nascem milagrosamente sem pai, deixou aldeia admirado com ato. Esses três (gênios da natureza), chamavam-se Balaba Tinkida se casou em Patiana, uma

das províncias do kaabú, Ufara se casou-se em Sama província também do kaabú, e Kani se casou-se em Jimara província do kaabú (Mané, 1989).

Por outro lado, Mané (1989), mostra que é a razão pela qual as três províncias Patiana, Sama e Jimara eram consideradas como as únicas províncias-Nhantchó do Kaabú, ao lado das outras que eram províncias-Koring. No entanto, esse era o motivo da estruturação chamada nhanthió, que prevaleceu no reino pelo esses três linhagem (gênios da natureza), que surgiu Sané e Mané, porém, nhanthiós acreditavam que são nobres, que pode governar o kaabú, porque são descendentes das três mulheres sobrenaturais. Assim, os Koring, por suas vezes, constituíram-se como a parte da aristocracia reinante logo abaixo dos nyanthios, dos quais eram os chefes guerreiros e os governadores provinciais. Eram os Sonko, Sagna, Mandjam e Djassi. Por mais que detinham um prestígio significativo, Mané e Sané representavam uma parcela minoritária no reino de Kaabu e constituíram-se numa minoria com mais legitimidade ao poder.

Portanto, o aparecimento do nhanthioya havia subvertido a organização e as instituições políticas da kaabú, e centralizou o poder entre três províncias. Para Mané (1989), a própria capital nacional trocou de lugar de nome: Kansala substituiu Mampiating, que era a capital do Kaabú. E o mansaya⁴ (reinado) era rotativo em Kansala, entre as três províncias, Sama, o Pathiana e o Jimara.

Por mais que exista união e rotatividade do poder entre as três províncias, existia uma época em que houve crise de poder ao nhanthio, que criou desentendimento entre duas províncias. Na perspectiva do Lopes (1989), em plena crise de poder os nhanthio deixaram de respeitar os princípios políticos que legitimam a Mansaya Kaabunké. Ainda nas palavras de Lopes (1989) a rotatividade do poder entre as três províncias da nobreza deixou de ser respeitada, dividindo o conflito que assolava a nobreza nhanthio. Quando o Mansa (rei) Sibó, da província de Sama morreu, a rotatividade exigia que o Mansa-Bá seguinte fosse Janké Wali, da província de Pathiana.

Porém, tudo ainda apresenta que a província de Sama não queria cumprir com a rotatividade do poder, que era acordado na classe nobre, depois do morto do rei Sibó, mantiveram-se com o poder por mais um ano. De acordo Lopes (1989) este foi o fator que desencadeou um conflito bélico entre os Mané da província de Sama e o Sané da província Pathiana. Na mesma época, aflorava-se as agressões do Futa-Jalo exigiam coesão e não dispersão de força kaabunké, ou seja, queriam unificar Kaabú ao Futa-Jalo.

⁴ Mansaya significa na língua mandinga, Reinando.

Na época, Fulas já existia no reino do Kaabu, Sané pediu ajuda aos Fulas na sua luta contra os Mané para consolidação do reino, de facto, o descumprimento das regras do mansaya baseado no sistema de solidariedade matrilinear entrou em declínio, como veremos adiante.

7 DECLÍNIO DO IMPÉRIO DE KAABU

No entanto, o declínio do reino Kaabú envolve vários fatores, que implicou na queda de dominância Mandinga dentre eles foram: o conflito no seio dos Mandingas Nhantchó (nobres) do reino entre outros fatores. A referida queda do reino tem a ver com a expansão islâmica, que foi implantando de forma brutal e forjada no reino do kaabú, na com intuito de pôr fim à hegemonia Mandinga. A evolução religiosa na África Ocidental mudou o cenário político tradicional, porém, a expansão religiosa foi um dos fatores que motivou os efeitos desse conflito do reino do kaabú, que culminou nesse grande conflito étnico entre Mandingas e Fulas. Por outro lado, as mudanças no comércio internacional.

Segundo Carlos Lopes (1989, p. 6), “A diminuição do fluxo de escravos obrigou o Kaabú a aumentar pressão (razzias) sobre os povos que ele melhor controlava, diminuindo a representação do seu poder e provocando uma independência militar de vários chefes [...]”.

O negócio dos escravos era o fator que compõem a economia do reino do kaabú, exercer um controle seguro ao território militar sobre outros chefes.

De acordo com Lopes (1989), a diminuição da procura de escravos, domínio tanto o poder kaabunké sobre vários chefes, isso impactou a sua política administrativa e econômica, mas também bem como a substituição da alta Costa da Guiné pela comércio de mina do ouro, que aplica mais rendimento aos europeus e, mas procura no mercado internacional, isso provocou maior fracasso do poder kaabunké.

Os interesses coloniais, franceses e portugueses ajudando várias etnias e estrutura políticas vão querer autonomizar-se, os chefes teocráticos, porém essa política enfraqueceu o controle dos kaabúnkés ao outros etnia ou território com estrutura política colônias criando mais chefes independentes que causou na revolta anti-Nhantchó do kaabú. Lopes (1989).

No entanto, a ideologia colonial era fomentar guerra entre etnias rivais, enfraquecendo todos poder tradicional, ou seja, dismantelar dos reinos, tanto uma estratégia como a outra tinham o objetivo de destruir toda a resistência local, não só em termos políticos, mas também econômicos. Foi isso que aconteceu com reino do kaabú cortando sua fonte econômico, que sustentava a sua força defesa. Porém, os colonialistas aparecem como parceiro de negócio

através das rotas comerciais e em particular no que se refere à venda de armas aos chefes locais e vendas dos escravos, enquanto isso acontecia os coloniais estavam criando espaços para destabilizações dos poderes dos grandes reis africanos, na perspectiva de sustentar conflitos, por que existe também rivalidades étnicos e religiosas entre os africanos. Como escreveu Lopes (1989, p.10), “os europeus vão, agora, utilizar duas estratégias que se completam: a celebração de tratados com os chefes locais e a manipulação de conflitos entre os poderes políticos autóctones”.

Segundo Mané (1989), as contradições de todos os tipos ligaram tanto a fatores internos como as causas externas na sua queda, no entanto, o próprio conflito interno entre Nhantchós criou mais força a entrada dos inimigos no território kaabunké, este fator havia precipitado a queda do kaabú de forma acelerado.

De acordo Mané (1989), neste contexto de rivalidade entre províncias Nhantchós que acontece, originou a queda do reino do kaabú, ou seja, predominância Mandinga, que criou grande perda aos nobres Mandingas, que levou-se acontecer a morte do mais célebre dos chefes de guerra do Kaabú do século XIX: falamos de N’ghalim Sonko, um Koring de Sankolla-Béré-Kolon, que era defesa principal do reino do Kaabú, que sua bravura incomparável, conquistou vários reinos em nome do rei Mama Djanqué Wali, esse conflito do províncias que culminou na sua morte, contribuindo na queda do hegemonia Mandinga, e enfraquecendo defesa da guerra contra inimigos, que originou a vitória do Futa-Jalo.

Segundo Mané (1989), esta morte na tradição mandingas, gera grande impacto no enfraquecimento do sistema da defesa nacional do Kaabú e, face ao vizinho mais ameaçador. Futa-Jalo a partir do século XIX, tinha todas as condições necessárias para atacar kaabú em série de batalhas por fraco defesa kaabunké por volta de 1865, não havia grande defesa no território após terem assassinado o seu grande guerreiro N’ghalim Sonko, isso proporcionou a queda e destruição da capital Kansala, onde havia acontecendo a guerra de turban-kansala (desaparecimento das gerações). Segundo Lopes (1999), os Portugueses respeitam o Kaabu, com quem tinha relação comercial, não pela sua estrutura política, ou seja, pelo grande reinado Mandingas que domingou território. Segundo o mesmo autor, os kaabunké foram substituídos pela autoridade e pela confederação do Futa-Jolo (séc. XIX), com o apoio europeu, foi assim que os kaabunké perderam todo controle a favor que tinha sobre território no início deste século.

Segundo Mané (1989), outra consequência do declínio política kaabunké, a explosão de conflitos étnicos, que originou a queda do Kansala, veio entre Mandingas e Saraculés depois com Futa-Jolo, vindo na implementação do Islã, para kaabunkés animistas.

Na perspectiva de Abrantes (2018, p. 68), “Torna-se mandinga, torna-se muçulmano, é visto a única evolução possível para ser muçulmano”. Esse era o pensamento dos Saraculés e Fulas do Futa-Jolo, achando que a única evolução era ser muçulmano, enquanto que o rei das mandingas focava na fortificação da sua defesa da guerra e mantido supremacia das mandingas e a expansão do seu reino com tentativa de dominar pequenos reinos arredores. O rei do reino do kaabú que era Mama Djanqué Waly, último rei do reino animista, não veja religião muçulmano como uma das suas prioridades para trazer ao seu povo, a prioridade era fortificar o seu reino com materiais da guerra, como cavalos e pólvoras, isso era desafios enfrentando na época da sua renasça.

Segundo Maio (2017), Futa-Jalo vindas do Têmes, imbuídos dos muçulmanos e em conquista de adeptos à arredores dos reinos independentes da supremacia mandinga que controlava territórios ao seu redor. Futa queria conquistar ainda esses arredores e depois atiraram-se sobre os mandingas com os referidos fins. Assim, formaram um grande contingente de militares graças à ajuda dos colonizadores, com arsenais pesados para conquistar o lendário reino de Kaabú, após vitória de Futa-Jalo, restauraram uma sociedade simples sem animistas.

8 PERCURSO METODOLÓGICO

A rigor, o trabalho acadêmico demanda procedimentos científicos para coleta de dados, assim sendo, esta pesquisa será apoiada inteiramente em fontes bibliográficas. Segundo (Indami, 2017 *apud* Djaló, 2019, p. 28) “este tipo de pesquisa não é uma mera repetição dos dados que podemos recolher de vários autores que trataram sobre o assunto a ser pesquisado, mas é muito mais do que isso”. Sendo assim, a nossa recolha de dados vai permitir novas possibilidades e construção teórica, que nos permitirão analisar vários documentos (textos). Segundo Gil (2010, p. 27), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituído principalmente de livro e artigos científicos” utilizar essa medida propõem a análise das diversas posições relativamente aos procedimentos técnicos de coleta de dados, desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. De acordo com Severino (2014), a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, dissertações de mestrado, jornais e revistas, etc. No entanto, como o nosso trabalho se baseia no fato histórico, o trabalho será de caráter historiográfico, focando na análise das perspectivas dos diferentes autores neste âmbito. Por fim, segundo (Gil, 2010, p. 28), “a pesquisa também é

REFERÊNCIAS

- DE BÍVAR ABRANTES, Manuel Portugal Almeida. **Kaabu, história do império do início ao fim**. Universidade Estadual de Campinas, 2018. Tese Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. [Sn]. Campinas, SP, 2018.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.
- LOPES, Carlos. Kaabunké: **Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais**. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.
- LOPES, Carlos. **O Kaabu e os seus vizinhos**: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos. Afro-Ásia, n. 32, p. 9-28, 2005.
- LOPES, Carlos. **Resistências africanas ao controle do território**: alguns casos da Costa da Guiné no séc. XIX. Soronda: Revista de estudos guineenses, v. 7, p. 5-16, 1989.
- MANÉ, Mamadú. **O Kaabu**: uma das grandes entidades do património histórico senegâmbiano. Soronda: Revista de estudos guineenses, n. 7, p. 17-30, 1989.
- MARINUCCI, Robert. **Guerra, história e mobilidades**. REMHU: Revista interdisciplinar da mobilidade humana, v. 31, n. 68, p. 7-16, 2023.
- MOIO, Rui. **Mandingas, ou um pouco da história da Guiné**. Antologia: s.l. 2008.
- MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: **a luta da libertação nacional e o projeto de construção do estado guineense**. A cor das letras, v. 12, n. 1, p. 223-238, 2011.
- SADJO, Ibu. **Fulas e Mandingas na luta pelo poder e conquista do império de Kaabu**: causas e consequências (século XVI-XIX). 2019.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a edição. São Paulo: Cortez, 2014.
- SIEBRA, Lúcia Maria Gonçalves. **Considerações teóricas acerca da utilização da pesquisa qualitativa**, Fortaleza: Revista de Psicologia UFC, 2000.